



Secretaria de Estado da Educação e Cultura

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARTA TAMIRES DE FARIAS DOURADO

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E SABER COMUNITÁRIO NO
MUNICÍPIO DE COXIXOLA PARAIBA**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MARTA TAMIRES DE FARIAS DOURADO

**EDUCAÇÃO DO CAMPO E SABER COMUNITÁRIO NO
MUNICÍPIO DE COXIXOLA PARAIBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientador: Professor Doutorando: José Marciano Monteiro

CAMPINA GRANDE/PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D739e Dourado, Marta Tamires de Farias
Educação no campo e saber comunitário no município de
Coxixola/PB [manuscrito] / Marta Tamires de Farias Dourado. -
2014.
39 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. José Marciano Monteiro, Departamento de
Ciências Humanas/ UFCG".

1. Educação do Campo. 2. Pedagogia. 3. Movimento Social.
I. Título.

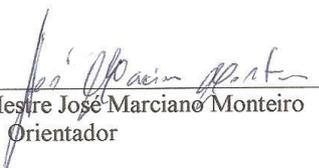
21. ed. CDD 370.11

MARTA TAMIRES DE FARIAS DOURADO

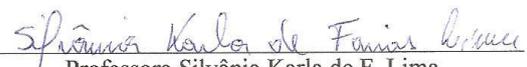
**EDUCAÇÃO DO CAMPO E SABER COMUNITÁRIO NO
MUNICÍPIO DE COXIXOLA PARAÍBA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em Convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

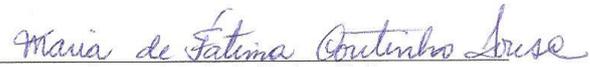
Aprovada em 06/12/2014



Professor Mestre José Marciano Monteiro
Orientador



Professora Silvânia Karla de F. Lima
Examinadora



Professora Maria de Fatima C. Sousa
Examinadora

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial a todos que de forma direta e indireta
contribuíram para a realização dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus a luz da vida, por ter me dado inspiração nos momentos que mais se senti desanimada e desmotivada. Sempre pude contar com a força que vem do alto.

As pessoas da minha família que contribuíram na minha formação de dando a oportunidade de estudar.

Agradeço a todos os professores e colegas que estiveram comigo durante o curso de Especialização da UEPB, também aos amigos que fiz.

Agradeço também as pessoas envolvidas na pesquisa, companheiros professores que se dispuseram a contribuir com esse trabalho.

Agradeço ao meu orientador José Marciano Monteiro por está comigo me orientando da melhor maneira possível, como também toda equipe envolvida no curso.

RESUMO

O trabalho em questão é fruto de um estudo sobre o surgimento da Educação do Campo no Brasil, abordando as metodologias e práticas para o desenvolvimento de uma educação que leve em consideração as particularidades do campo brasileiro. Para desenvolvimento da pesquisa foi feito um estudo sobre o Movimento Sem Terra e a luta travada pelo movimento em busca pela educação para as comunidades agrária, posteriormente conceituou-se o paradigma educação no campo como também suas propostas metodológica que são atualizada para disseminação, tanto na esfera da escola pública básica como no ensino superior e também nas pós graduações. O objetivo do estudo foi fazer uma análise da realidade de Coxixola/PB em especial nas escolas rurais sobre o conhecimento que os docentes tem sobre o tema Educação do Campo, foi possível ainda constatar os principais desafios dos docentes, numa realidade marcada por classes com multisseriado, crianças desmotivadas como também a falta de apoio familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo. Saber Comunitário. Escola

ABSTRACT

The work is a result of a study on the emergence of Rural Education in Brazil, addressing the methodologies and practices for developing an education that takes into account the particularities of the Brazilian countryside. For development of the research was done a study on the Landless Movement and the struggle by the movement in pursuit of education for agrarian communities, then the paradigm education is conceptualized in the field as well as their methodological proposals that are updated to spread, both in school public sphere basic and higher education and also in post graduation. The aim of the study was to analyze the reality of Coxixola / PB especially in rural schools on the knowledge that teachers have on Rural Education theme was still possible to see the main challenges for teachers, a reality marked by multigrade classes , desmotivadas children as well as the lack of family support.

KEYWORDS: Rural Education. Community Know. School

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. CAMINHO METODOLÓGICO.....	11
2. MOVIMENTOS SOCIAIS E LUTA PELA TERRA.....	11
2.1. SURGIMENTO DO MOVIMENTO SEM TERRA.....	12
2.2. A LUTA DO MOVIMENTO SEM TERRA PELO ACESSO A.....	14
2.3. TERRA E POR UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA.....	15
2.4. EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM NOVO PARADIGMA?.....	19
2.5. EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA PARA O CAMPO.....	22
2.6. PEDAGOGIA LIBERTADORA: QUANDO O APRENDIZ É	22
2.7. SUJEITO DA SUA HISTÓRIA.....	22
2.8. PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: QUANDO O APRENDIZ.....	23
2.9. NECESSITA DO SABER COMUNITÁRIO.....	23
2.10. PEDAGOGIA DA TERRA: QUANDO O APRENDIZ CONHECE	24
2.11. O CONTEXTO QUE HABITA.....	25
3. ESCOLA E SABER COMUNITÁRIO NO CONTEXTO DE	
COXIXOLA PARAÍBA.....	28
3.1. ESCOLA E SABER COMUNITÁRIO.....	28
3.2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA ESTUDADA E PERFIS.....	31
3.3. SABERES DOCENTES	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
6. REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como proposta abordar a temática Educação do Campo, uma educação destinada as comunidades rurais que tem como proposta materializar a vivencia do homem do campo atrelada a conhecimentos educativos.

Para realização da pesquisa foi realizados estudos sobre o Movimento Sem Terra a luta travada pelo movimento em busca pela educação para as comunidades agraria, posteriormente conceituou-se o paradigma educação no campo como também suas propostas metodológica que são atualizadas para disseminar a educação do Campo tanto na esfera da escola publica básica como no ensino superior e também nas pós-graduações nas diversas universidades do país.

Depois de teorizar, a parte seguinte consistiu em analisar o município de Coxixola Localizado no semiárido nordestino, sob o prisma do modelo pedagógico desenvolvido nas escolas localizadas nas áreas rurais da cidade, além disso, foi englobado também na pesquisa uma análise das dificuldades enfrentadas pelos docentes.

De acordo com dados da pesquisa foi possível perceber que a maioria dos profissionais do magistério que atuam nas áreas rurais tem conhecimento sobre o que vem a ser Educação do Campo, e sempre procuram estabelece relação entre os conteúdos com a realidade local, ou seja, as comunidades rurais onde os educandos residem. Foi possível perceber que eles veem no ensino multisseriado um problema que implica no ensino-aprendizagem já que não tem como dedica-se integralmente a uma única turma, na preparação dos conteúdos a serem trabalhados como também na própria sala de aula.

Dessa forma conclui-se percebendo que o municio deve analisar sua proposta pedagógica com o proposito de inserir uma educação que proporcione a vivencia integralmente voltada a realidade local, como também deve de maneira eficaz rever a questão das classes multisseriados já que essa formação das turmas vem causando dono ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

1.1 CAMINHO METOLÓGICO

O caminho que percorrerá para a construção dos objetivos desta pesquisa se dará através de um estudo de caráter bibliográfico sobre os movimentos sociais (MST) e sua importância para a conquista da Educação no Campo. Buscando-se ainda, conceituar o paradigma Educação no Campo, como também as diversas possibilidades de pedagogias que norteiam esse novo modelo de educação. Os estudos foram também sobre o papel da escola quanto agente de conhecimento coletivo. Portanto, a primeira parte do trabalho é de caráter qualitativo.

No segundo momento pretenderá-se trabalhar com a aplicação de um questionário para assim colher dados, sobre a realidade estudada de forma mais detalhada. Além a observação participante também será um meio de obtenção de informações e dados acerca do universo e do objeto investigado. Os dados serão trabalhados de forma qualitativa e quantitativamente.

Para o desenvolvimento desse estudo foram entrevistado 50% dos profissionais da educação do município de Coxixola que atuam na escolas rurais do município, num universo de 10 educadores, onde os mesmos responderam questionário onde lhes foi perguntado questões capazes de traçar o perfil profissional como também suas perspectivas e dificuldades quando a pratica da docência

2 MOVIMENTOS SOCIAIS E LUTA PELA TERRA

2.1 SURGIMENTO DO MOVIMENTO SEM TERRA

O território brasileiro tem como marco exploratório a chegada dos portugueses, assim, tem-se uma história marcada por exploração e negação de direitos. Tendo em vista que os habitantes que aqui residiam, os Índios, eram explorados pelos estrangeiros de forma brutal, e mais tarde expulsos do seu território. Esses fatores históricos-sociais permitiram a formação da sociedade que privilegiava em todos os aspectos uma pequena elite dominante, onde somente estes tinham acesso a educação, melhores cargos no mercado de trabalho, a terra, dentre outras ações advindas do poder dominante.

Frente a essa exclusão principalmente no que se refere ao direito a terra estão os movimentos sociais no primeiro momento representado pelas Ligas Camponesas¹ que atuaram de forma efetiva na busca pelos direitos sociais da população do campesinato, haja vista que existiam grandes barreiras quanto ao acesso do homem do campo as políticas governamentais levando-os a exclusão social.

Mas a grande luta das Ligas Camponesas era pela reforma agrária, defendendo o ideal que era mais que necessário repensar o modelo de distribuição e posse da terra no Brasil. Tendo em vista que o modelo em questão é marcado por uma distribuição que favoreceu somente a formação de grandes latifúndios.

“O Nordeste brasileiro pode ser considerado como referência da atuação da liga, pois que termina a década de 50 com cerca de 40 mil associados no Estado de Pernambuco e cerca de 70 mil no Nordeste.” (MEIRA, apud BASTOS, 1982, p. 74).

Na Paraíba, as Ligas que desenvolveram ações mais expressivas foram as de Mari e Sapé sendo esta a mais organizada com grande notoriedade na Paraíba, assim como na região Nordeste. A Liga de Sapé tinha uma filosofia pautada no assistencialismo como bem mostra o estatuto:

A Associação de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé tem por finalidade a prestação de assistência social aos arrendatários, assalariados, e pequenos proprietários agrícolas do município e áreas vizinhas, bem como a defesa de seus legítimos direitos de acordo com as leis do país. Estatuto da Liga Camponesa de Sapé. Capítulo I, artigo primeiro (NOVAES 1997, p. 39).

Em suas ações visava não somente atender o município de Sapé mais também as cidades circo-vizinhas que fossem associados ao movimento, segundo (SILVA 2009, p. 13) “Esse suporte concedido pela Liga do município, não restringia-se apenas a assistência médica, funerária ou alimentícia, mas também no que tange as pendência jurídicas envolvendo foreiros e latifundiários”.

Na comarca de Sapé (que envolve os municípios de Sapé e Mari) correm na justiça de trinta a cinquenta processos em torno de pendengas entre proprietários e camponeses. No ano de 1962 apenas uma única ação civil foi concluída, com vantagem para o proprietário (...). Mas de maneira geral, enquanto a ação não é concluída, a demora favorece o camponês, que deixa de pagar o foro ao proprietário, não pode ser expulso e, e geralmente, deposita seu foro

¹ As primeiras Ligas Camponesas sob a direção do recém legalizado Partido Comunista Brasileiro-PCB tinha como um de seus objetivos, obterem uma maior projeção para discussões acerca da situação e das relações agrárias estabelecidas no país naquele período. SILVA (2009, P.2)

em cartório e continua a colher os frutos da terra, sem dá o dia de trabalho ao patrão. (NOVAES 1997, p. 38)

Todo esse suporte oferecido aos associados fez com que a Liga ganhasse notoriedade e respeito dentro da esfera municipal. A necessidade de formação dessas Ligas pode estar atrelada ao fato de intensa produção de cana de açúcar no município de Sapé, que foi cenário de grandes conflitos entre usineiros, latifundiários com trabalhadores que tinham sempre que conquistar seus direitos sob o clima de tensão sendo necessário pressionar os patrões.

Ao passo que a Liga esteve à frente dos direitos dos associados como também dando o suporte necessário já que os camponeses do de Sapé tinha os mesmo problemas dos demais do estado da Paraíba como também do nordeste, como bem cita (SILVA, 2009, p.15) sofreram com a concentração fundiária presente no município, bem como a baixa mecanização no campo.

É diante dessa realidade marcada pela discriminação contra o camponês que cresce a luta da Liga aumentando também a violência contra o camponês como forma de represália. Na liderança da liga de Sapé, estava João Pedro Teixeira que em defesa dos interesses dos associados foi vítima de emboscada liderada por latifundiários locais, levando a morte do líder, como mostra o relato da viúva Elisabth Teixeira:

Foi assassinado por pistoleiros que estavam de emboscada. Eram dois policiais, um cabo e um soldado da polícia, e o vaqueiro Aginaldo Veloso Borges. O cabo da polícia chamava-se Francisco Pedro, apelido de Chiquinho, o soldado, Antonio Alexandre. O vaqueiro estava na estrada, esperando João Pedro para dar o aviso aos pistoleiros, que estavam em emboscada. Uma senhora que morava perto do local disse que depois de ter levado os três tiros, João Pedro dizia, levantando a mão e ainda em pé: "Tentaram, tentaram até que tiraram a minha vida. Sei que não reencontro mais a minha mulher e meus filhos", deu alguns gemidos e já estava no chão. O primeiro que o encontrou foi o companheiro Antonio José Dantas, que estava na estrada com o prefeito de Santa Rita, cidade da Paraíba. João Pedro saltava do carro que ligava João Pessoa a Campina Grande, e caminhava para chegar até em casa. Segundo as informações, não foi somente uma emboscada, foram três naquele dia, porque se ele passasse pela primeira, teria outra no rio, que ele tinha que atravessar. E a terceira era na nossa própria casa. Naquele dia não tinha como escapar. (SILVA, 2009, p. 16).

Diante dessa tragédia, que teve repercussão nacional, a viúva assumiu a liderança da Liga que contava com mais de 10 mil associados (SILVA, 2009, p. 17). Na atualidade brasileira tem-se como maior forma de representação e organização de movimentos sociais o Movimento Sem Terra², conhecido também como MST que por vez é descriminalizado e marginalizado pela mídia e governo.

O MST tem uma expressividade marcada na década de 1970, estando hoje presente em quase todos os estados brasileiro frente a luta pela justiça social representando aqueles que não tem direito a terra, nem tão pouco a dignidade humana.

Tem uma longa caminhada que lhe deu suporte e articulação na esfera nacional e a custo muito alto tem se tornado uma voz dentro da política nacional que é ouvida mesmo que pelo uso da força e de protesto. No ano 2000, o MST contabilizou o número de aproximadamente 250 mil famílias assentadas e de 70 mil famílias acampadas em todo o Brasil (CALDART 2001, p. 207). Esses números mesmo que pequenos no panorama brasileiro são expressivamente importantes, numa história de exclusão social vivido pelo homem do campo brasileiro. Contudo, salienta-se que a luta não pode cessar ainda é preciso muitas conquistas já que ainda existe cerca de 4,5 milhões de pessoas sem o acesso a terra no país (CALDART 2001, p. 207) necessitando de uma voz que o represente diante do latifúndio e perante o Estado.

O MST, mesmo com uma breve trajetória, tem tomado um grande espaço na sociedade brasileira, seja com seu jeito radical de ocupação do latifúndio como forma de conquistar a terra, seja pela capacidade de se envolver em outras lutas sociais na busca pela justiça e das causas urgentes, na sua flexibilidade de adentrar no movimento, como também na grande luta de tornar a sociedade universal que tenha o desejo pela luta em conquistar os ideais, assim como evitar o processo de exclusão praticado em cada contexto histórico vivido.

2.2 A LUTA DO MOVIMENTO SEM TERRA PELO ACESSO A TERRA E POR UMA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Além de ter como bandeira principal a luta pelo acesso a terra mal distribuída desde o período da colonização. O MST luta para que as pessoas que alcançam a terra através

² É fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. CALDART (2001, p. 2007)

do processo de ocupação tenha acesso à educação nas áreas rurais contribuindo, assim, para alcançar a dignidade humana.

Mas não só isso almeja-se que a educação oferecidas nas áreas rurais que levem em consideração a produção cultural do campo, que os camponeses sejam encorajados a viver no campo e que essa educação possa contribuir no melhoramento das condições de vida para aqueles que foram esquecidos pelo poder público, que produziu uma sociedade marcada pela desigualdade e negação de direito.

O MST tem duas frentes educativas: uma reside em seu caráter formativo e a outra na luta de resistência e permanência de escolas de qualidade que busquem uma educação diferenciada nos acampamentos e assentamentos rurais do movimento. OLIVEIRA (2010, p. 49)

É importante frisar que a conquista da Educação no Campo hoje é uma realidade, mas esta que chega às comunidades rurais para atender o homem do campo, os indígenas, os quilombolas não é de boa qualidade, fator esse que é uma problemática social vivenciada não somente pela Educação do Campo, mas por toda educação básica pública brasileira. Percebe-se que no meio rural há um maior descaso como bem cita (PINHEIRO 2011, não paginado) quando afirma que;

[...] a Educação do Campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]

O campo brasileiro hoje vem se modificando do ponto de vista econômico, contudo essa mudança chegou somente ao latifúndio onde é notável o grande avanço no quesito mecanização e o uso das tecnologias nas grandes propriedades rurais. Entretanto essa modernização não chegou aos pequenos produtores rurais nem tão pouco na educação que estes recebem, é comum ver escolas sucateadas, professores sem qualificação multe-seriado dentre muitos outros fatores apontam para a falta de compromisso e de políticas públicas efetivas no tocante a educação no campo em todo o Brasil.

Conforme mencionado (NASCIMENTO não datado, p.182) a educação se fez presente no meio rural desde a República Velha, mas as políticas públicas não chegam de fato a essa camada da população. É como se os camponeses não pudessem ter acesso à educação para não poder liberta-se do processo de exploração e a condição de miserabilidade.

A luta constante iniciadas pelas Ligas e travada com força maior pelo MST é justamente por uma formação que legitimasse a exploração e a decadência que os pequenos agricultores sofrem por uma má distribuição agrária e esquecimento por parte dos governos.

Faz-se necessário que o governo ofereça uma educação de qualidade que minimize a violência simbólica que o povo do campo vive, marcada por uma realidade de ausência dos serviços básicos, sem ações concretas governamentais. O MST tem como proposta criar uma nova sociedade, e essa sociedade, para o MST deve ter como base a educação para construir nas áreas de acampamentos e assentamentos, a formação indenitária dos trabalhadores rurais sem-terra. (OLIVEIRA 2010, p. 51).

O MST na sua proposta pedagógica almeja o fortalecimento pela educação para garantir que os filhos dos assentados não saiam do campo, não abandonem o movimento, mesmo diante das dificuldades que o campo enfrenta com pouca infraestrutura, ausência de políticas públicas o MST sonha com uma educação que firme cada um integrante dentro do movimento.

A realidade árdua em todos os sentidos e principalmente na educação ofertada nas áreas rurais tende a dificultar a permanência do camponês na escola. Uma realidade vivida em todo país, principalmente no Nordeste e nesse cenário a Paraíba, território este que é marcado não somente pela falta de educação, mas também pelas dificuldades impostas pelo clima e o abandono político.

No quesito educação o campo ainda enfrenta outra problemática que é o fechamento de escola, e como consequência o deslocamento do alunado do campo para a cidade que se depara com a imposição de um currículo que tem por base os aspectos urbanos, com isso observa-se que o campo é visto como uma extensão da educação que é praticada nas escolas urbanas.

Pouco se tem feito nas Secretarias de Educação municipais para que seja mudada a prática curricular nas escolas rurais, sobre isso temos a confirmação de (OLIVEIRA 2010, p. 53); Isso decorre principalmente devido aos currículos serem empurrados “de cima para baixo” pelas secretarias de ensino nas escolas, seja no campo seja na cidade, sem levar em consideração suas particularidades locais.

Segundo dados do PNAD 2011, desde o ano de 2004 as taxas de analfabetismo estão em declínio passaram de 11,4 no ano de 2004 para 8,6 em 2011, fato esse que pode ser comemorado como um significativo avanço, mas que aponta um longo caminho a ser percorrido pelo governo brasileiro na busca pela a universalização da educação.

A Paraíba aparece com um dos Estados que apresenta altas taxas de analfabetos com 22,4 % da população, o Estado comporta 28% da população residindo em áreas rurais, é lá onde o número de pessoas analfabetas é bem, maior atingindo 42,2 %, fato esse que pode ser explicado pela ausência de políticas públicas destinadas a educação. Problemática não somente do estado em particular, mas em estados como Pernambuco (40,5), Piauí (49,2) e Alagoas (47,3) só pra citar a realidade dos demais estados de alguns estados nordestinos.

Como forma de tentar reverter essa realidade, as políticas desenvolvidas no Nordeste têm como proposta levar as crianças para estudar em escolas urbanas. Contudo, essa não é a melhor saída. Tendo em vista que, os meios de transporte, as condições de infraestrutura do campo em nada contribuem para a chegada das crianças na escola. É comum a ausência das crianças residentes no campo faltar à escola, isso por conta de adversidade climática, falta de transporte são fatores que implicarem não somente na frequência como também aprendizagem dos estudantes advindos do campo.

Não há necessidade desse deslocamento dos estudantes do campo para a cidade, desde que haja vontade política de alfabetizar e educar a população no nosso país. É nesse sentido que o MST vem levantando proposta e a passos lentos e com apoio que vem da política externa, está conseguindo que a Educação no Campo tenha um espaço na agenda política do Brasil.

O ano 2000 foi um marco importante dentro da proposta por uma educação no campo que norteasse a proposta de uma educação que teve na essência a luta pela questão agrária, o poder da luta articulado do camponês como também que tivesse como prática pedagógica que legitimasse a produção e a vivência do campo.

Ressalta-se que a articulação entre movimento e governo vem produzindo frutos o meio acadêmico vem inserindo na academia cursos destinado para o homem do campo, como também disciplinas nos cursos regulares que proporcionam ao educador uma base que contemplem a Educação no Campo.

Até 2010 a Licenciatura em Educação do Campo foi desenvolvida por cerca de 30 universidades, com aproximadamente 2.200 estudantes nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo (ANTUNES-ROCHA, 2011, p. 142). Além da criação desse curso foram criados também grupo de estudos para graduandos e professores interessados nessa área,

como também o financiamento de pesquisas e pós- graduação sobre o tema. Onde toda a produção vem ganhando destaque nos eventos de produção acadêmica nacionalmente que demonstram as experiências como também os estudos que se apresenta como um campo bem amplo a ser estudado.

A garantia de um espaço da Educação no Campo hoje é uma realidade, uma conquista de uma nova realidade para agricultura familiar e camponesa, que traz como marca a luta por universalização de direitos, resgate histórico, mas deve estar sempre vinculada à discussão da produção, à sustentabilidade produtiva dos assentamentos e comunidades de pequenos agricultores, como também, à formação dos técnicos, discussões tecnológicas e econômicas.

2.3 EDUCAÇÃO DO CAMPO: UM NOVO PARADIGMA?

O tema Educação do Campo vem tomando corpo nos debates acadêmicos e também na agenda política, mas nem sempre o cenário posto foi esse, antes disso o tema, foi objeto de luta do Movimento Sem Terra (MST), que mesmo com enfoque principal na Reforma Agrária ver na educação um aparato para a conquista de uma sociedade mais justa. Sabe-se que os problemas que afligem o campo brasileiro são muitos, existe um esquecimento da agricultura familiar grave, até pouco tempo atrás como bem cita (KOLLIN, 1999, p. 32) A agricultura familiar foi marginalizada pelo governo, na medida em que este priorizou a agricultura capitalista (patronal) baseada na monocultura para exportação.

Hoje os governos estão começando a interiorizar o significado do pequeno agricultor quem sustenta da mesa do país. Perante a todo esse descaso e esquecimento, percebe-se que educar a população do campo nunca foi prioridade, havia a ideia plantada que o homem do campo não tinha a necessidade de aprender a ler e escrever. Pois os serviços desempenhados por eles não necessitaria de leitura. E assim o homem do campo teve seu direito tirado mesmo a educação sendo um direito universal no Brasil.

Frente a essa problemática o MST busca criar um direção que norteie a proposta de uma educação voltada pra o campo que legitime o seu contexto social. Que aborde as praticas que devem ser usada no campo, assim como a formação humana de cada individuo. Como corrobora (PESSOA, COSTA não datado, p. 01);

Nos Movimentos Sociais do Campo, em especial o MST, a formação humana tem um caráter muito amplo, sendo a escola apenas uma parte desta experiência. Considera-se, por exemplo, que o aprendizado está vinculado ao processo da experiência e não apenas aos

programas curriculares dentro das escolas. É o que chamamos de educação nas relações sociais. Sobre a formação humana o MST educa os assentados na perspectiva de romper com os ideais capitalistas e industriais, visando ligar o homem a terra de onde vem os sustento, e a dignidade.

Sendo assim conceituar educação do campo enquanto um modelo ainda não é tarefa fácil visto que há um longo caminho pela frente. Muitas lutas e conquistas ainda estão por se encadear. O Brasil ainda caminha a passos lentos e muitas vezes forçados, para garantir a educação na população camponesa brasileira.

O homem do campo tem seus saberes e suas experiências, assim como os índios, quilombolas e as demais etnias. É isso que se faz necessário inserir na prática pedagógica para ligar o homem ao campo e incentiva-lo a viver no campo e assim produzir o seu sustento.

Como ponto de partida sobre educação do Campo tem-se as discursões que aconteceram na 14ª Conferência Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998 na cidade de Luziânia, Goiás, onde iniciou-se um movimento de luta por uma educação do campo e para o povo do campo. Mais tarde o PROMERA vem ajudar a construir o paradigma, servindo assim de espelho, ou uma projeção futura. Que traz a proposta não somente fundada na educação de somente faze-los ler e escrever, mas uma educação que insira o filho do pequeno agricultor, o sem terra numa perspectiva ampla com uma proposta de oportunizar a continuidade nos estudos para que através do conhecimento seja agente da mudança do campo brasileiro.

No que se refere ao conceito pode-se dizer que a Educação do Campo deve abordar o acúmulo de práticas que acontecem no campo, que vise romper com as contradições existentes na sociedade brasileira. Mas como bem cita (CALDART 1962, p.14) o Conceito de Educação do Campo não pode ser fixo, nem tão pouco fechado. Tendo em vista que reflete realidade histórica constituída marcada por graves contradições ao longo da historia, estando ainda em fase de construção materializado pelas lutas e debates ocorridos no campo brasileiro.

O modelo desenvolvido nas escolas urbanas não se enquadra na prática do campo e devem ser evitado, pois trata o campo com uma visão preconceituosa. Pelo fato de nosso padrão educacional está a serviço do capitalismo e conseqüentemente da industrialização, por esse motivo é importante escolas do campo deve ter uma pedagogia própria para legitimar seu espaço cultural e contribuir com a formação humana ligada ao campo. Ainda sobre a visão que a escola urbana do campo tem-se a confirmação de (ARROYO 2004, p.79-80).

A cultura hegemônica trata os valores, as crenças, os saberes do campo de maneira

romântica ou de maneira depreciativa, como valores ultrapassados, como saberes tradicionais, pré-científicos, pré-modernos. Daí que o modelo de educação básica queira impor para o campo currículos da escola urbana, saberes e valores urbanos, como se o campo e sua cultura pertencessem a um passado a ser esquecido e superado. Como se os valores, a cultura, o modo de vida, o homem e mulher do campo fossem uma espécie em extinção. Uma experiência humana sem mais sentido, a ser superada pela experiência urbano-industrial moderna. Daí que as políticas educacionais, os currículos são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas se lembram do campo quando se lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades”. Não reconhecem a especificidade do campo [...]

Mas o problema da Educação do campo no que se refere a estrutura é preocupante. São profissionais sem formação pedagógica especializada no campo. São modelos de salas onde usa-se o multisseriado prática que geralmente é usada em escolas de pequenas comunidades rurais geralmente do ensino fundamental que consiste em juntar os alunos de séries diferentes em uma única sala de aula com um único professor para que ao mesmo tempo passa dar aulas a todos.

Modalidade essa que vem a prejudicar a aprendizagem dos educandos uma vez que o tempo de aula fica reduzido, assim como o professor diante tantas atividades não consegue dar atenção aos alunos como numa série regular. Sobre a prática do multisseriado temos a crítica de (HAGE 2004, não paginado).

As classes multisseriadas constituem-se na modalidade predominante de oferta do primeiro segmento do ensino fundamental no meio rural [...] elas se encontram ausentes dos debates e das reflexões sobre educação rural no país e nem mesmo “existem” no conjunto de estatísticas que compõem o senso escolar oficial.

O modelo multisseriado é evitado nas escolas urbanas, que critica essa prática vendo-a de forma negativa. Contudo, as secretarias de educação encontram no multisseriado uma maneira de manter as escolas do campo funcionando em virtude do pequeno número de alunos, que não possibilita a formação de turmas.

Outra particularidade que deve ser citada nas escolas de campo e sobre os recursos humanos, quase inexiste muitas vezes o único professor que é responsável por alfabetizar a escola por completo, ainda desenvolve outras atividades como merendeira, porteiro, secretária da escola, etc. diante disso, vemos desafio a ser encarado e pensado dentro da proposta conceitual e curricular da Educação do Campo.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA PARA O CAMPO

3.1 PEDAGOGIA LIBERTADORA: QUANDO O APRENDIZ É SUJEITO DA HISTÓRIA

Paulo Freire (1999), grande educador, um pensador comprometido com a formação do um ser humano, tinha como sonho despertar a consciência crítica dos indivíduos, onde afirma que somos vítimas de um sistema econômico perverso, o capitalismo. Que além de explorar o homem ainda o considera um ser vazio pronto para receber informações e embuti-las sem ao menos seleciona-las esse tipo de educação tem como meta legitimar o sistema em vigência atualmente.

A esse modelo praticado pela escola, Freire denominou de Educação Bancária³ bastante criticado por ele. Para Freire (1999) a experiência cotidiana, a vivencia coletiva, o seu saber culturalmente construído, deve ser levada em consideração no processo educativo para torná-lo algo materializado no contexto vivido.

A escola é a instituição social capacitada para oportunizar esse direito social e cabe a ela respeitar e legitimar o conhecimento de cada um, o que nem sempre acontece pois está a serviço do sistema e dentro da logica da dominação ou exploração não tem como principio libertar o homem, mas este deve lutar pela sua liberdade se desfazendo de toda opressão que vive aprisionado “Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido”. (FIORI in FREIRE, 1982, p. 04). Quando o homem descobrir que pode ser maior que o sistema este terá dado seu primeiro passo para a liberdade.

Para Freire (1999), a libertação do oprimido só será possível se a educação legitimar esse processo. Assim, o homem deve buscar uma educação que lhe possibilite caminhos de lutar contra a dominação vivida dentro do capitalismo, para ele é necessário deixar para traz o caminho educacional bancário.

[...] abandonar a educação bancária, a qual transforma os homens em “vasilhas”, em “recipientes”, a serem “preenchidos” pelos que julgam educar, pois acredita que essa educação defende os interesses do opressor, que trata os homens como seres vazios, desfigurados, dependentes. (LINHARES Não datado, p. 10142)

³ Imposição do conhecimento realizada pelo professor sobre o aluno na medida em que o professor já os havia adquirido e dispõe destes sendo assim possível sua ação de depósito deste conhecimento nos alunos. (FREIRE, 1974, p.2)

De acordo com as palavras do autor, percebe-se que o processo educacional nos dias atuais somente atende ao interesse do capital, impondo ao homem a ideia de sempre será dominado que nunca irá ser livre de fato, frente a isso está os princípios da Pedagogia do Oprimido⁴.

Entende-se que o homem está em constante processo de formação, trazendo consigo um saber que deve ser considerados na sua formação cultural, alimentando a possibilidade de ser, e de ter acesso a uma educação não só como um privilégio, mas como um direito. Freire (1999) afirma que a educação que é desenvolvida nos dias atuais tem como propósito manipular as massas para manter assim o *status Quo*, onde o homem é cada vez mais explorado pela máquina econômica, a intenção é fazer o homem sempre refém desse sistema vendo tal situação como natural que faz parte do contexto sem questionar o que tem por traz da logica, onde o mesmo não busca compreender qual é o seu papel no mundo.

O ponto crucial das críticas de Freire sempre foi o questionamento que a educação não deveria reproduzir a pratica dominante, sabendo ele que a educação é a principal chave de mudança, ou seja, Se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. “Se a educação não é a chave das transformações sociais não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante” (FREIRE, 1999, p.126).

É preciso nadar contra a corrente, é necessário lutar pela liberdade pela conquista de direitos pelo acesso ao saber, mas não o saber como vem sendo posto, mas um saber que seja fonte de liberdade que só será possível com um pensamento critico e questionador da realidade, sendo assim a Pedagogia do Oprimido seria um conjunto de praticas que viria a desmontar esse sistema que oprime daquele que é sofre as dores das desigualdades da marginalidade.

3.2 PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: QUANDO O APRENDIZ NECESSITA DO SABER COMUNITÁRIO

A busca por uma educação de qualidade para as famílias residentes no campo não é um assunto novo há muito tempo há um questionamento sobre isso. Por compreender que a educação praticada na cidade não é bem vinda ao campo, pelo próprio modo de vida, os meios

⁴ Tem como ponto de partida a ideia de homem como ser “inconcluso”, e com consciência da sua inconclusão; um ser histórico e social que deseja ser sujeito da sua existência. Contrapõe à concepção “bancária” de ensinar conteúdos congelados e pré-definidos, uma concepção “libertadora” de educação escolar. UNIJUI (2012, p.2)

de produção, os costumes, etc. O campo materializada uma produção cultural que não se assemelha a cidade, dessa forma deve ser preservadas suas características, além de contribuir com o firmamento do homem ao campo, dando-lhes a capacidade de viver dignamente nele.

Assim é necessário pensar um processo educativo que possa ser aplicado no campo que não interfira na produção, pelo contrário que ajude ao camponês se aprimorar nas técnicas e que valorize sua vivencia e suas praticas e que valorize sua identidade de camponês.

Uma proposta para uma educação que contextualize o homem do campo a sua realidade e necessidade é a Pedagogia da Alternância que tem como pressuposto metodológico ligar ao homem a sua realidade mostrando-se totalmente diferente da convencional, uma vez que permite ao educando adquirir conhecimentos teóricos e se tornar agente direito de aplicação dos métodos aprendidos na escola a sua realidade local, esses conhecimentos se articulam holisticamente nos quesitos de preservação ambiental, social e econômica.

Os Instrumentos da Pedagogia da Alternância extraem da realidade concreta, elementos significativos que motivam a relação ensino-aprendizagem. Esses elementos passam por um processo de reflexão nas áreas do conhecimento, possibilitando ao jovem perceber as contradições existentes dentro de seu próprio meio. Neste momento, o indivíduo toma distância de sua realidade e passa a analisá-la com um olhar científico, tomando dimensão entre o real e o ideal, sendo este a realidade projetada (PPP, EFA JAGUARÉ – ES, 2005, p. 20).

Oportunizar o homem do campo ter acesso ao saber científico é fundamental para o desenvolvimento dos pequenos agricultores, uma vez que proporciona a possibilidade de evolução tanto quando pessoa como também no uso de técnica de novas formas de produzir no campo.

A Pedagogia da Alternância proporciona ao educando uma formação valorosa no processo de ensino aprendizagem despertando a consciência critica do aluno em saberes ligado ao uso dos recursos naturais, tema muito importante de discussão na atualidade em virtude da escassez dos recursos pelo uso excessivo que vem levando o esgotamento destes.

O principio básico da alternância é justamente libertar o aluno da escola convencional, possibilitar interação entre teoria e prática, onde os momentos se definem da seguinte forma, o aluno passa um tempo na escola onde faz os diversos tipos de experimentos a aprende técnicas de manejo, em seguida volta a sua comunidade trazendo consigo todo esse conhecimento para introduzir no seu lugar de origem, assim o educando volta pra casa

trazendo consigo soluções para alguns problemas que ali acontecem e que antes não teriam caminhos para ser solucionados pela ausência de conhecimentos específicos. Dessa forma entende-se que uma escola convencional não atenderia as necessidades descritas acima, assim se faz necessário uma nova proposta;

Criar uma escola que não prende adolescentes entre paredes, mas que lhe permita aprender através dos ensinamentos da escola, com certeza, mas também através dos da vida cotidiana, graças a uma alternância de estadias entre a propriedade familiar e o centro escolar. (GIMONET, 2005, p. 76).

Esse processo permite que o jovem articule trabalho, família e educação de forma bem dinâmica é uma forma de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, dando espaço a experiência familiar, social e profissional valorizando o saber de cada um e os contextos de vida.

A pedagogia da Alternância acredita na agricultura familiar como um segmento bastante promissor nos dias de hoje, já que são as pequenas propriedades unidas em um trabalho coletivo que produzem os frutos que a sociedade necessita para viver, para isso é preciso multiplicar e valorizar os espaços pedagógicos de formação que sejam acontecem não somente na sala de aula mas no seio familiar na convivência social, cultural, e finalmente na terra.

3.3 PEDAGOGIA DA TERRA: QUANDO O APRENDIZ CONHECE O CONTEXTO QUE HABITA

O atual modelo econômico vem trazendo para a humanidade grandes transtornos que podem levar a própria extinção da espécie, uma destruição que não é causada por guerras ou armas nucleares. Os avanços tecnológicos são enormes, os meios de comunicação e transporte evoluem cotidianamente em uma velocidade cada vez maior, todo esse desenvolvimento não leva em consideração os limites do meio ambiente, os recursos naturais são usados de forma indiscriminada não lhe dando o tempo necessário para que a própria natureza se recomponha.

As mudanças no modo de produção, o sistema econômico disseminado pelo mundo a partir do fim da Guerra Fria trouxe consigo um grande problema, ao ver a natureza e os recursos que ela dispõe somente como um elemento a ser explorado pelo homem, o homem retira todos os recursos necessários para a manutenção da vida, mas nessa logica não tem amor a natureza, já que não cuida do meio ambiente, pelo contrario o processo industrial

desde as Revoluções veio por destruir boa parte do meio ambiente em nome do desenvolvimento econômico, pautado somente na acumulação de bens e riquezas.

Certamente na era da globalização da informação, da economia não há espaços para conceitos novos como Sustentabilidade⁵ que é cada vez mais urgente para a continuidade da vida no planeta. Cuidar da condição planetária não está na pauta das grandes potências econômicas que migraram de um modelo de produção para outro pautado na destruição do planeta. Pode-se prever que os próximos 50 anos serão decisivos para nós quanto a nossa sobrevivência, e tudo isso está sendo provocado pela falta de respeito e assim como a falta de um sentimento que ligue a humanidade a Terra.

O meio acadêmico aportado em pesquisas há tempos vem alertando as autoridades quanto à questão ambiental, onde afirma que a sustentabilidade é cada vez mais urgente, sendo defendida assim um novo paradigma que traga na sua sustentação primeiramente o meio ambiente, mas não só isso que traga premissas como equidade social além de buscar um desenvolvimento econômico mais consciente pautado na racionalização dos recursos naturais.

A Ecopedagogia ou Pedagogia da Terra como movimento social e político surge no seio da Sociedade Civil, nas organizações tanto de educadores quanto e de ecologistas e de trabalhadores e empresários preocupados com o meio ambiente. (GADOTTI, não datado, p.4). As questões ambientais foram primeiramente abordadas por grupos de ativistas, Movimentos sociais. Organizações não Governamentais ligadas a uma parte da parte da sociedade que já despertava para a preservação do meio ambiente, assim nunca foi prioridade do Estado.

O homem tem conhecimento de tudo que é praticado dentro do nosso planeta, sabendo que o consumismo atual é incompatível com os recursos restante na terra, mas quase nunca consegue refletir sobre estas questões para assim tomar uma posição, é como cada um vise à situação atual como não sendo um problema a ser encarado por cada um, uma vez que os danos causados ao planeta trarão consequência a todos.

A pedagogia da Terra apresenta-se como um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico (Ecologia Integral) que implica uma mudança nas estruturas econômicas, sociais e culturais (GADOTTI, não datado, p.1) assim requer transformação em todo o sistema principalmente no que tange as relações

⁵ A sustentabilidade tem ganhado destaque devido a crescente conscientização da necessidade de melhoria nas condições ambientais, econômicas e sociais, de forma a aumentar qualidade de vida de toda a sociedade, preservando o meio ambiente, assim como ter organizações sustentáveis econômicas e indivíduos socialmente sustentáveis. (SILVA, 2012, p. 24)

humanas, mudando assim a apropriação indevida dos recursos como também tirando-lhes a ideia que os recursos naturais são infinitos.

A Terra deve ser compreendida como um ser vivo, onde abriga todos seres onde estes devem conviver harmoniosamente na morada. Freire (1999) ao escrever a pedagogia do oprimido já incluía a terra como sendo oprimida, explorada excessivamente pelo ser humano isso porque ela entendia a relação de exploração para apropriação dos recursos. Contudo temos que mudar essa ideologia pregada pelo capital e buscar em ações cotidianas buscando abrir novos caminhos, com uma formação ligada a criação de uma consciência que materialize positivamente a relação harmoniosa entre homem e meio ambiente.

Mesmo a Pedagogia da Terra sendo um conceito ainda recente é preciso que este seja disseminado nas práticas cotidianas como também nas escolares, pois é necessário ensinar a amar o planeta. É preciso buscar meios de produção menos agressivos com praticas de economia solidaria e cooperativismo libertado- nos das praticas selvagens do capitalismo que cada vez mais produz riquezas, mas também aumenta as disparidades sociais.

É preciso que o homem busque uma nova globalização que traga como proposta a ideia de garantir a vida das futuras gerações, e isso só será possível com a formação de uma nova consciência. Buscando um desenvolvimento econômico que tenha a sustentabilidade, que seja solidário, onde os interesses da humanidade estejam à frente dos interesses econômicos superando as desigualdades eliminando assim as grandes diferenças que produzem fome e destruição do planeta Terra.

Um dos caminhos indicados para a formação de uma sociedade mais justa deve ser através da educação onde traga conceitos necessários de ser introduzidos na vida cotidiana como sustentabilidade e o amor a terra, pois as crianças devem e podem ser agente da transformação que o planeta necessita para assim poder abrigar as futuras gerações proporcionando o mínimo de qualidade de vida.

4. ESCOLA E SABER COMUNITÁRIO NO CONTEXTO DE COXIXOLA PARAÍBA

4.1. ESCOLA E SABER COMUNITÁRIO

A escola é a instituição responsável pela formação da sociedade, é nela que as crianças e jovens passam maior parte do seu tempo, em média cerca de 12 anos da vida dedicados a adquirir saberes e conhecimentos historicamente constituídos. A escola cumpre

uma função social essencial à formação dos novos cidadãos, na medida em que os saberes selecionados por uma sociedade e os seus valores serão transmitidos e construídos mediante ações educativas (KLEIN, não datado, p.1).

A educação é hoje um direito universal, onde é possível de além de aprender conteúdos acontecer trocas de experiências e socialização, assim a escola é o espaço onde essas duas dimensões de articulam simultaneamente e assim torna-se um espaço de grande importância na formação do indivíduo.

As mudanças que aconteceram na sociedade trouxeram mudanças profundas também na escola, houve a democratização quando ao acesso como também no que se refere aos conteúdos a serem estudados uma vez que a escola prima por formar cidadão para o exercício da cidadania e também para o mundo do trabalho.

Desde a segunda metade do século XX temos observado mudanças sociais profundas fruto das tecnologias da informação e comunicação; a sociedade do conhecimento, a internet, a rede de recursos e serviços educativos disponíveis contribuem para desconstruir a escola e romper com seu monopólio formativo e informativo (Klein, não datado, p.1 *Apud VILLA, 2007*)

O novo contexto mundial cobra da escola outras atribuições como uma educação integral que inclua conhecimento e também a formação cidadã, não obstante a isso percebe-se que na prática a escola pouco tem evoluído quando se refere a adequação curricular as novas necessidades do mercado de trabalho, como também é possível perceber que a democratização provocou depreciação do ensino público os conhecimentos por ela veiculados ainda é restrito, uma vez que muitos alunos e alunas não conseguem aprender, e parecem não encontrar sentido nos conteúdos ensinados (KLEIN, não datado, p.1) essa problemática está sempre em bastante discussão buscando encontrar um novo modelo que seja possível tornar o conhecimento mais significativo e assim torna-lo mais atrativo ao alunado.

Assim é cabível de reflexão constante os rumos que a escola deve tomar afim de torna-la o principal mecanismo de acesso ao conhecimento como também ao mercado de trabalho e na formação de uma sociedade de caminhos tão articulados e complexos.

A inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que a escola se apresentasse como o local propício para educação das crianças que até então era delegada a mulher como bem cita (KLEIN, não datado, p.1) neste novo contexto, a família e a comunidade perdem parte de suas funções educativas que passam a ser atribuídas à escola.

As mudanças na relação do trabalho foi responsável por forçar a democratização da escola como uma necessidade para garantir o desenvolvimento da industrialização

disseminado pelo capitalismo. Diante dessa realidade a escola tem algumas obrigações dentre elas cabem destacar o cuidado, instrução e formação. Sendo assim a escola se enquadra aos valores e necessidades de cada época.

Dentre as mudanças no processo de democratização podemos destacar a incorporação de algumas competências a ser desenvolvida pela escola onde a mesma deve levar em consideração da diversidade de grupos sociais que frequentam as aulas, buscando a superação da exclusão, o deslocamento do foco do ensino para a aprendizagem, a importância que passa a ser conferida à educação infantil, o rompimento da associação entre graus educacionais e status social e econômico.

Nesse sentido a educação e a escolarização é tida como caminho para a mobilidade social, uma vez que o mercado de trabalho abarca a mão de obra qualificada para ocupar os melhores espaços no mercado de trabalho.

As possibilidades de adquirir conhecimentos ultimamente vem ultrapassando só muros da escola, as tecnologias se apresentam como uma nova forma que os educandos usam para estudar, assim como também criar espaços de socialização e disseminação de conhecimento. A inserção do uso das tecnologias ainda apresenta-se com um desafio a ser encarado pela educação, pois os alunos estão cada vez conectados ao mundo digital e prender a atenção sem esses mecanismos, é bem difícil e por mais que existam políticas para a inserção das Tecnologias na Educação ainda é um desafio, pois ainda há uma resistência como também uma formação superficial dos professores nesse quesito.

O currículo escolar ao longo do tempo sofreu muitas mudanças em virtude da necessidade de cada época, considera-se currículo a gama de conteúdos a ser desenvolvidos durante o ano letivo, ou seja, a parte programada e formal da educação. Mas não se pode separar a vida comunitária do educando sua vivência diária do mundo escolar pelo contrario eles devem se articular e relacionar-se com experiências nascidas do cotidiano dos alunos, permitindo-lhes atribuir significado ao que é apreendido, transformando as novas informações em conhecimentos relacionados à sua vida. Onde o aluno pode atuar na sua realidade aplicando os conhecimentos adquiridos na escola.

Tomando o desafio de transformar os conteúdos escolares em objetos de conhecimento, ressaltamos a imprescindibilidade de uma aprendizagem que seja significativa, ou seja, em que o sujeito se aproprie de um conteúdo de ensino por meio de uma elaboração pessoal do objeto a ser conhecido. (KLEIN, não datado, p.8)

A democratização da escola veio por torna-la comunitária⁶ para que toda a sociedade pudesse contribuir para o melhoramento e fiscalização tomando por base que a escola é uma instituição formada por sujeito coletivo que se compreendem em meio a sua coletividade que são agentes de transformação do seu espaço, que seja capaz de resolver conflitos como também ter uma participação ativa na sua pratica cidadã.

Para desenvolver o saber coletivo dentro da escola, esta deve desenvolver algumas competências como;

- a) um momento de encontro onde predominem sentimentos de simpatia e identificação;
- b) vivenciarem uma tarefa comum onde possam executar julgamentos comuns, de modo a construírem uma visão comum de mundo;
- c) comprometerem-se pessoal e grupalmente com objetivos e metas;
- d) assumirem ou acolherem uma identidade comum;
- e) atuarem publicamente com essa identidade, enfrentando os desafios do ambiente físico e social;
- f) conservarem a memória da criação e as experiências do grupo;
- g) proporem obras concretas que ajudem a vida do grupo;
- h) interagirem com outros sujeitos em clima pluralista e democrático.

(SILVA, 1996, p.100)

Articular a educação a comunidade numa proposta de construir uma educação coletiva implica numa formação de uma rede onde escola e sociedade se articulam para se educarem simultaneamente, fazendo com que os conhecimentos sejam de fato aplicado vida cotidiana do educando não estando presente somente na sala de aula.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DA AREA ESTUDADA E PERFIS

Localizado sob as coordenadas geográficas 7° 37" 31" S e 36° 36" 12" O, a uma altitude de 475 m, o município de Coxixola tem uma área de 119 km², representando 0,2109% do Estado da Paraíba, 0,0077% da região Nordeste e está inserido na unidade geoambiental do Planalto da Borborema, microrregião do Cariri Ocidental e encontra-se incluído na área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro (CPRM, 2005).

⁶ Deve ser a transformação do contexto escolar na direção da democratização do espaço e das relações, da participação de todos os envolvidos, da melhoria da qualidade da educação (KLEIN, não datado, p.12)

O clima é do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. A estação chuvosa se inicia em janeiro/fevereiro com término em setembro, podendo se adiantar até outubro e a precipitação pluviométrica é de 436,5 mm, com temperatura média de 28 °C.

O município foi criado em 1997, a população total é de 1.771 habitantes sendo 782 na área urbana e 989 na zona rural, conforme demonstram os dados, no quesito distribuição da população pode-se concluir que Coxixola é um município com características ainda predominantemente agrária, tendo em vista que mais metade da população habita na zona rural.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município é de 0.639, segundo o PNUD (2013). A sede do município está distante cerca 200,5 km da capital João Pessoa, sendo o acesso feito pelas rodovias BR 230 / BR 412 / PB 200.

O município dispõe de oito escolas para atender a população, sendo sete municipais e uma mantida pelo Estado. Das sete escolas municipais seis estão localizadas nas comunidades rurais, atendem a quase 100 alunos, s que cursam o Ensino Fundamental I, ou seja, cursam somente a Educação Infantil no seu local de origem.

Vale ressaltar que o município atende somente a Educação Infantil I, o Ensino Fundamental II fica a cargo do poder público estadual. Assim quando os alunos que vivem na zona rural terminam o Ensino Fundamental I são transferidos para estudar na cidade e passam a frequentar a escola estadual.

De acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Educação o município dispõe de 17 professores no quadro efetivo atuando nas escolas municipais, sendo 10 alocados nas escolas rurais, escolas estas que tem suas turmas formadas com multisseriado, forma essa justificada pelo número de alunos que é bem pequeno, não permitindo assim a formação de turmas por série.

PERFIL DOS PROFISSIONAIS

Traçando um perfil dos educadores do município que atua na área rural do município no tocante a idade há uma variação de 35 a 53 anos, quanto ao tempo que prestam serviços ao município todos estão em exercício a pouco mais de 17 anos de serviços. Dos entrevistados 40% deles residem na zona urbana e se deslocam para as comunidades rurais para ministrar suas aulas, enquanto o maior percentual 60% residem nas comunidades onde lecionam atualmente.

No que diz respeito à qualificação profissional todos os docentes são pedagogos com pós- graduação em Educação infantil, participam de formação continuada oferecida pelo Governo federal o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

Formação que é desenvolvida na sede do município, os estudos são ministrados por um orientador de estudos, onde a cada 15 dias se reúnem junto com todos os profissionais que atuam na Educação Infantil do município.

PERFIL DOS ESTUDANTES

Os educandos localizados nas zonas rurais do município, sem exceção estudam em turma de multisseriados, olhando pelo prisma da faixa etária somente poucos deles estão em turmas que não são condizentes com a idade. Docentes sempre cobram a participação da família, tendo em vista que é de fundamental a participação familiar para o desenvolvimento escolar dos educandos. No que se refere a motivação foi notado pelos professores que algumas crianças estão desmotivadas e dessa forma necessitam mais ainda atenção por parte das famílias que precisam desse apoio para desenvolver melhor as competências escolar.

Quanto ao ensino aprendizagem efetivo dos alunos, os docentes afirmaram que nem todos dominam competências como leitura, escrita e operações matemáticas, mas que há uma grande pressão pelo órgão como a Secretaria de Educação pela aprovação mesmo sem o domínio das competências necessárias para avançar de série.

4.5. SABERES DOCENTES.

Os profissionais do município que atuam nas áreas rurais utilizam o mesmo material didático que é usado na escola da zona urbana, segundo eles não é a melhor proposta para ser trabalhadas em nem nas escolas urbana nem tão pouco nas rurais, tendo em vista que há um grande problema quanto a esse material, pois os livros que são disposto pelo Governo geralmente não trazem conteúdos que em nada retratam a realidade local, os livros são voltados para realidade de cidades grandes, trazem conteúdos sobre agronegócio, nada que retratem a realidade local.

Para eles o material didático que é utilizado principalmente na região Nordeste deveria ser bem específico em virtude de a região ter características bem diferenciadas das demais do país.

Para sanar essas dificuldades os profissionais utilizam outros materiais para melhorar o processo de ensino aprendizagem, apoiando-se em livros de literatura principalmente os cordéis escritos por profissionais nordestinos como também utilizam e o material do acervo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Mesmo com tantas dificuldades é possível perceber que há um engajamento dos profissionais para desenvolver uma educação contextualizada, já que os mesmo afirmaram que sabem da necessidade de desenvolver os conteúdos, inclusive um dos entrevistados para desenvolver conteúdos de matemáticas ligados à realidade, fez um gráfico sobre a criação de galinha das famílias dos educandos , segundo ele foi bem participativo, os alunos tiveram o cuidado de contar as aves e levar tudo anotado para desenvolver a atividade.

Quanto a questão da necessidade de trabalhar temas ligados a realidade do campo como também questões ligadas ao meio ambiente, quase todos os profissionais trabalham os temas nas aulas, alguns relataram que não tratam a temática de forma profunda, mas que pelo menos trazem algumas noções por ser turmas do Ensino Fundamental I. Somente um profissional afirmou não trabalhar de forma nenhuma.

Já a grande maioria trabalha temas como preservação do solo e a importância da agricultura familiar, já que todos os alunos são filhos de agricultores que desenvolvem essas questões cotidianamente. A Educação Ambiental segundo eles é sempre trabalhada, pois há uma urgente necessidade de trabalhar a preservação do meio ambiente principalmente as questões de poluição da água das nascentes como também a questão de degradação do solo causada por ações antrópicas por falta de conhecimento de praticas sustentáveis.

Quando ao modelo didático Educação do Campo somente um dos entrevistados afirmou que já ouviu falar sobre o tema, mas que não sabia ao certo do que se tratava. Os demais afirmaram que é uma metodologia bem importante que tem o papel de educar as crianças e jovem com uma proposta de firma-lo ao local onde reside, mas não só isso, a proposta tem como intuito desenvolver práticas que possam interferir positivamente nas áreas rurais. Eles entendem a Educação no Campo como uma proposta que vai ensinar as crianças sobre o grande potencial como também a importância do campo para o sustento da cidade, mostrando-lhes que é possível viver no campo e do campo. Para eles há uma crescente necessidade de desconstruir o estigma negativo que existe em relação às áreas rurais, onde está sempre ligada a pobreza, falta de informação como também está ligado a analfabetismo.

O ensino multisseriado tem se apresentado como algo sempre presente na prática docente dos educadores, muitos deles começaram a vida profissional com classes multisseriadas para esses não é possível perceber os prejuízos, segundo eles há um ponto

positivo que é a coletividade, mas que é um grande desafio para o professor, preparar aula para duas ou três turmas por dias e dar-lhes atenção necessária a cada um. Já aqueles que já desenvolveram atividades em turmas únicas e hoje trabalham com multisseriado é possível perceber os danos ao processo de ensino-aprendizagem são bem aparentes principalmente na questão do tempo que ao invés de ser dedicado integralmente a uma turma é dividido para duas ou três.

Para os educadores é um grande desafio a seleção dos conteúdos, dividir as turmas para que cada uma tenha o momento de ensino aprendizagem, mas o grande desafio é a questão da alfabetização das turmas iniciais e repassar conteúdos as demais estando todas juntas, é preciso criar estratégias que por mais de bem pensadas nunca atendem a finalidade desejada e nem sempre os educandos chegam a aprendizagem merecida.

Uma das professoras produziu um pensamento que foi bem interessante no ensino multisseriadas, para resguardar sua identidade chamarei de Ana *“Por outro lado trabalhar com multisseriado é positivo pela coletividade, a formação de grupos com níveis diversificados, mas com cada um assumindo um papel de transmissor ou receptor de conhecimento”*.

Contudo, as maiorias dos professores veem o ensino multisseriado um grande impasse uma aprendizagem mais sólida, como também cobra muito do educador que tem q de desdobrar todos os duas uma turma cheia de particularidades e necessidades. É comum acontecer falta de concentração em virtude dos momentos de desenvolvimento de conteúdo para series distintas, ocorrem momentos de desmotivação e desinteresse por parte do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação do Campo é uma realidade garantida na lei brasileira, o que não faz ela ser garantida a todos . O Estado representado pelos municípios não tem nas suas propostas educativas levar a verdadeira educação que o homem do campo necessita para assim ser o sujeito da sua materialidade local. Geralmente os governos aplica nas escolas rurais a mesma proposta pedagógica assim como o mesmo material que usa nas escolas urbanas.

Os materiais didáticos que são aprovados pelo município geralmente não trazem nada que remeta a realidade local, de acordo com a análise dos professores são textos e figuras voltadas mais para o Sul do país. Processo esse que dificulta a contextualização, sendo

assim os educandos muitas vezes tem que preparar o próprio material para poder tornar a educação mais significativa.

O município de Coxixola mesmo sendo um município de pequeno porte com características agraria, mantem suas crianças estudando em escolas rurais, mas nenhuma dela adota metodologicamente a Educação do Campo. A maioria dos profissionais tem conhecimento sobre a metodologia e sempre procuram atrelar a educação dada aos alunos a sua realidade local, por saber da importância de atrelar os conhecimentos estudados ao cotidiano.

Foi possível perceber que os problemas das escolas rurais do município são bem característicos a realidade do país, já que adotam sistemas de classes multisseriados que implicam é muito no processo de ensino-aprendizagem dos educandos.

Outros fatores foram apontados ainda como a falta de interesse dos alunos como também a falta do apoio familiar para o baixo rendimento dos alunos, tendo em vista que muitos deles terminam o Ensino Fundamental I sem dominar os conteúdos como leitura, escritos e as operações matemáticas.

Pelo que foi exposto pelos educadores, nota-se que eles almejam que o multisseriado foi abolido, pois só assim eles poderiam dar a atenção devida e merecida aos educando fazendo com eles saíssem do Ensino Fundamental I mais preparados para adentrar no Ensino Fundamental II.

REFERÊNCIAS

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Educação do Campo no Ensino Superior: repercussões para o desenvolvimento do campo brasileiro.** In: BATISTA, Maria do Socorro Xavier (organizadora.). *Movimentos sociais, estado e políticas públicas de educação do campo: pesquisa e práticas educativas.* – João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **A educação básica e o movimento social do campo.** In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas.** Petrópolis; Vozes, 1984. 141 p.
CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo.** ESTUDOS AVANÇADOS 15 (43), 2001. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a16.pdf>> Acesso dia 17 de Agosto de 2014.

CPRM. **Serviço Geológico do Brasil Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea.** Diagnóstico do município de Coxixola, estado da Paraíba/ Org. João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

EACMA. EFA de Ilhéus. **Projeto Político Pedagógico.** Ilhéus-Bahia, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 26 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade.** Instituto Paulo Freire Universidade de São Paulo. Disponível em < http://www.biologia.ufrj.br/erebse/artigos/ecopedagogia_e_educacao.pdf> Acesso dia 12 de outubro de 2014.

GIMONET, Jean-Claude. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e de Orientação.** In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA**, 1., 1999, Salvador. Anais. Salvador: União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil, 1999, p. 39-48.

HAGE, Salomão M. Editorial. **Comunica Multissérie.** Belém, Pará; Ano I, n. 1, fev. 2004.

KOLLING, Edgar Jorge (org.). **Por uma educação básica no campo.** Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

LINHARES, Luciano Lempek. **PAULO FREIRE: POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA E HUMANISTA.** Disponível em < http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/729_522.pdf> Acesso dia 13 de outubro de 2014.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **Políticas “Públicas” e Educação do Campo: Mm Busca da Cidadania Possível?** Disponível em < file:///C:/Users/Marta/Downloads/3450-12685-1-PB%20(1).pdf> Acesso dia 17 de agosto de 2014.

NOVAES, R. C. R. De Corpo e Alma. Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1997. p. 35-71. 238 p.

OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. **Terra, Trabalho e Escola: a luta do MST por uma educação do/no campo na Paraíba.** Disponível em < http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/mara_edilara.pdf> Acesso: 27 de agosto de 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO - FAO. **Escassez e degradação dos solos e da água ameaçam segurança alimentar.** Disponível em: <https://www.fao.org.br/edsaasa.asp>. Acesso em: 28 nov. 2011.

SILVA, Devanildo Braz da. **Sustentabilidade no Agronegócio: Dimensão econômica, Social e Ambiental.** Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 03, p. 23-34, jul-dez 2012. Disponível em < <http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/3/3.pdf>> Acesso dia 15 de Outubro de 2014.

SILVA, Jair Militão. **“Educação comunitária e educação escolar: em busca de uma metodologia em ação educativa democratizadora”.** In SILVA, Jair Militão (org) Educação Comunitária: estudos e propostas. São Paulo: Editora SENAC, 1996.

SILVA, Thiago Moreira de. **A PRESENÇA DAS LIGAS CAMPONESAS NA REGIÃO NORDESTE. XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA,** São Paulo, 2009, pp. 1-29. Disponível em < http://www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Silva_TMM.pdf> Acesso dia: 01 de setembro de 2014.

SOUZA, Maria Antônia de. **EDUCAÇÃO DO CAMPO: POLÍTICAS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PRODUÇÃO CIENTÍFICA** Educação & Sociedade [On-line] 2008, 29 (Septiembre-Diciembre): [Data de consulta: 19 / septiembre / 2014] Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313701008>> ISSN 0101-7330.

UNIJUÍ, Leonardo Dirceu de Azambuja. **Pedagogia do Oprimido, Pedagogia Histórico-Crítica: aproximações necessárias.** Disponível em< <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1645/85>> Acesso dia 13 de outubro de 2014.

APÊNDICE



APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO DESENVOLVIDO PARA A PESQUISA

Dados gerais

1) **Data da entrevista:** ____/____/____

2) **UF:** _____

Município: _____

Perfil do professor

Nome: _____

3) **Idade:** _____

6) Raça/cor: () Branca () Preta () Amarela () Parda () Indígena

Dados sobre o a profissão

4) **Tempo de serviço**

5) **Formação:**

Tem pós- graduação () sim () não

Participa de formação continuada?

Área de atuação

Onde leciona?

Zona Rural () **Zona Urbana** ()

Questionamentos sobre Educação do Campo

1. Qual a disciplina que você ensina? E porque escolheu?
2. Em sua prática pedagógica quais os conteúdos que você tem trabalhado? E como tem desenvolvido?
3. Além instrumentos didáticos você utiliza para trabalhar os conteúdos relacionados a disciplina?
4. Você já ouviu falar em educação do campo? O que você compreende por Educação do Campo?
5. Na sua prática pedagógica você utilizada dados da realidade para dar significados aos conteúdos estudados? Como relaciona os conteúdos com a realidade?
6. Você adota algum livro em suas aulas? No livro adotado os conteúdos possuem relação direta com a realidade em que você leciona?

7. Você trabalha com temas como agricultura familiar, sua importância para o sustento da sociedade, manejo do solo e preservação ambiental dentre outras questões?
8. Trabalha com turma de ensino multisseriado? Se (sim). Quais as dificuldade na aprendizagem dos educandos?
9. Quais são as principais dificuldades que enfrenta em sala de aula no tocante ao ensino-aprendizagem?

Perfil dos estudantes

Os estudantes estão dentro da faixa etária da series as quais leciona?

Ao terminarem o ensino fundamental os educandos estão dominando técnicas de leitura, escrita, e as operações?

Dados do pesquisador

Nome: _____

Função: _____

Assinatura: _____